UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE TEATRO

LARISSA CONCEIÇÃO RAMOS FARIAS

BARQUINHO DO SONHO: NAVEGANDO ENTRE CENAS E O BARCO DE FOGO

São Cristovão
2026

LARISSA CONCEIÇÃO RAMOS FARIAS

BARQUINHO DO SONHO: NAVEGANDO ENTRE CENAS E O BARCO DE FOGO

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)**,** do Curso de Licenciatura em Teatro, da Universidade Federal de Sergipe, como requisito da obtenção do título de Licenciada em Teatro.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Ferreira da Silva**.**

São Cristovão
2026

Universidade Federal de Sergipe
Centro de Educação e Ciências Humanas
Departamento de Teatro

ATA DE AVALIAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Discente: Larissa Conceição Ramos Farias

Título do Trabalho: *Barquinho do Sonho: navegando entre cenas e o Barco de Fogo – criação de uma dramaturgia infantil inspirada na cultura estanciana*

No dia dois de julho de dois mil e vinte e seis (02/07/2026) às quinze (15) horas reuniu-se a banc a examinadora formada por: Prof. Dr. Carlos Alberto Ferreira da Silva (orientador e presidente d a banca-DTE/UFS), Profa. Dra. Maicyra Teles Leão e Silva (DTE/UFS) e Profa. Dra. Paula Alic e (Membro Externo/UFBA). Após a apresentação da discente, arguição e avaliação realizada pel os membros da banca, o trabalho de Larissa Conceição Ramos Farias foi considerado **aprovada**, com a média final **9,5**. Em parecer, a banca destacou a importância da continuidade do trabalho, investigando e ampliando as discussões sobre Cultura Popular, além de ressaltar o esforço da estudante como dramaturgista, encenadora e pesquisadora na realização da pesquisa. Vale destacar que, a discente terá como prazo final de 20 dias corridos contados a partir da data da def esa, a versão definitiva do trabalho deverá ser encaminhada por e-mail à Coordenação de TCC co m cópia para o DTE, com as devidas alterações propostas pela banca em acordo com o orientado r.

São Cristóvão, 02 de julho de 2026.

BANCA EXAMINADORA	NOTA	ASSINATURA
Prof. Dr. Carlos Alberto Ferreira da Silva (DTE/UFS)	9,5	gov.br Documento assinado digitalmente CARLOS ALBERTO FERREIRA DA SILVA Data: 03/07/2026 10:08:05-0300 Verifique em https://validar.iti.gov.br
Profa. Dra. Maicyra Teles Leão e Silva (DTE/UFS)	9,5	gov.br Documento assinado digitalmente MAICYRA TELES LEAO E SILVA Data: 24/08/2026 22:50:57-0300 Verifique em https://validar.iti.gov.br
Profa. Dra. Paula Alice (UFBA)	9,5	gov.br PAULA ALICE BAPTISTA BORGES Data: 04/07/2026 19:59:58-0300 Verifique em https://validar.iti.gov.br
MÉDIA ARITMÉTICA FINAL	9,5	

Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos Av. Mare
chal Rondon, s/n – Jardim Rosa Elze – São Cristóvão/SE
E-mail: dte@academico.ufs.br –
Telefone (79) 3194-6994

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, fonte de força, esperança e fé, por ter me sustentado em todos os momentos desta caminhada. Sou grata por Sua presença constante em minha vida, por iluminar meus passos, renovar minhas forças diante das dificuldades e me permitir chegar até aqui. Sem a Sua graça, este sonho não seria possível.

Primeiramente, agradeço aos meus pais, José Edson e Maria Domingas, por terem me proporcionado uma educação baseada em amor, valores e dedicação. Sou profundamente grata por tudo o que fizeram e fazem por mim. A vocês devo grande parte da mulher que me tornei hoje. Obrigada por acreditarem nos meus sonhos, por cada incentivo e por todo o apoio incondicional ao longo da minha trajetória.

Agradeço aos meus irmãos, Marcos e Maicon, e à minha irmã Laís, por todo o apoio, carinho e companheirismo ao longo da minha vida. Sou muito grata por sempre estarem ao meu lado, compartilhando momentos, me incentivando e acreditando em mim.

Em especial, agradeço à minha irmã Laís por estar sempre presente, me apoiando e me incentivando de todas as formas. Obrigada por tudo. Você é a minha maior inspiração de vida, alguém que admiro profundamente e que me inspira todos os dias a seguir em frente e a nunca desistir dos meus sonhos.

Aos meus sobrinhos, Lorenzo, Ravi, Chloe e Thauanny, agradeço por encherem meus dias de alegria, leveza e amor. Cada sorriso, abraço e momento de lazer compartilhado com vocês renovou minhas energias e trouxe felicidade nos períodos mais desafiadores desta caminhada. Vocês foram um lembrete constante da importância de celebrar as pequenas alegrias da vida.

Agradeço também ao meu namorado e companheiro, Gustavo, por todo o amor, apoio e compreensão. Sou muito feliz e grata por ter você ao meu lado, compartilhando comigo os desafios e as conquistas desta caminhada.

Agradeço, em especial, aos meus amigos e companheiros de jornada, que compartilharam comigo os mais diversos momentos ao longo da graduação. Estivemos juntos desde o primeiro período até aqui, dividindo aprendizados, desafios, conquistas e sonhos. Sou profundamente grata por cada apoio, cada conversa e cada experiência vivida ao lado de vocês.

Agradeço também aos meus outros amigos, que sempre estiveram presentes, oferecendo apoio, incentivo e carinho nos momentos em que mais precisei. A amizade de vocês foi fundamental durante essa trajetória.

Registro um agradecimento muito especial ao meu orientador, professor Carlos Alberto, por toda a dedicação, paciência e incentivo ao longo deste processo. Sou grata pelos ensinamentos, pelas oportunidades proporcionadas e por todas as trocas que contribuíram significativamente para a minha formação acadêmica, artística e humana.

Por fim, agradeço a mim mesma por não ter desistido diante das dificuldades, por persistir nos momentos mais desafiadores e por continuar acreditando nos meus sonhos. Reconheço minha força, minha dedicação e meu compromisso, que me trouxeram até aqui. Celebro cada passo dado nesta jornada e cada conquista alcançada ao longo dessa caminhada.

A todos que, de alguma forma, fizeram parte desta trajetória e contribuíram para a realização deste trabalho, o meu mais sincero agradecimento.

FARIAS, Larissa Conceição Ramos. *Barquinho do Sonho*: navegando entre cenas e o Barco de Fogo criação de uma dramaturgia infantil inspirada na cultura Estanciana. Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Ferreira da Silva. 2026. 52 p. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Licenciatura em Teatro - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2026.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre a construção da dramaturgia infantil *Barquinho do Sonho*, inspirada na cultura popular estanciana e, especialmente, na tradição do Barco de Fogo, importante manifestação cultural do município de Estância, Sergipe. A pesquisa busca compreender de que maneira o Teatro Infantil pode contribuir para a valorização da cultura popular e para o fortalecimento da identidade cultural das crianças. O estudo fundamenta-se em autores que discutem Teatro para a infância, dramaturgia, memória, patrimônio cultural e processos criativos, articulando reflexões teóricas ao processo de criação da obra. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa bibliográfica associada à prática artística, tendo como foco o desenvolvimento da dramaturgia e a análise de seus elementos narrativos e culturais. A história acompanha a personagem Estrela, uma criança que sonha em conhecer Estância e que, por meio de uma viagem imaginária, entra em contato com personagens que apresentam aspectos da cultura local, como o Barco de Fogo e a Batucada. A construção da Dramaturgia buscou valorizar os saberes populares, a memória coletiva e as tradições culturais da cidade, aproximando o público infantil desse patrimônio. Os resultados apontam que o Teatro Infantil pode atuar como uma importante ferramenta de mediação cultural, favorecendo experiências de aprendizagem, pertencimento e reconhecimento das manifestações culturais locais. Conclui-se que a dramaturgia infantil constitui um espaço potente para a preservação da memória cultural e para a formação estética e identitária das crianças.

Palavras-chave: Teatro Infantil; Dramaturgia; Cultura Popular; Barco de Fogo; Estância.

FARIAS, Larissa Conceição Ramos. *Little Boat of Dreams: Navigating Between Scenes and the Boat of Fire – Creating a Children's Dramaturgy Inspired by the Culture of Estância*. Advisor: Prof. Dr. Carlos Alberto Ferreira da Silva. 2026. 52 p. Undergraduate Final Project – Degree Course in Theater, Federal University of Sergipe, São Cristóvão, 2026.

ABSTRACT

This study aims to reflect on the construction of the children's play *Barquinho do Sonho* (Little Boat of Dreams), which is inspired by the popular culture of Estância a municipality located in the state of Sergipe and, in particular, by the tradition of *Barco de Fogo* (Boat of Fire), a significant cultural expression of the region. The research seeks to understand how children's theatre can contribute to the appreciation of popular culture and the strengthening of children's cultural identity. The theoretical framework draws on scholars who address children's theatre, playwriting, memory, cultural heritage, and creative processes, linking theoretical reflections to the work's creative development. Methodologically, this is a bibliographical research combined with artistic practice, focusing on the development of the dramatic text and the analysis of its narrative and cultural elements. The narrative follows the character Estrela (Star), a child who dreams of visiting Estância; through an imaginary journey, she encounters figures that introduce aspects of local culture, such as the *Barco de Fogo* and *Batucada* (a traditional rhythm and percussion performance). The creation of the play sought to value popular knowledge, collective memory, and the city's cultural traditions, bringing this heritage closer to young audiences. The findings indicate that children's theatre can serve as a powerful tool for cultural mediation, fostering learning experiences, a sense of belonging, and the recognition of local cultural expressions. It is concluded that children's playwriting constitutes a valuable space for the preservation of cultural memory, as well as for children's aesthetic education and identity formation.

Keywords: Children's Theatre; Playwriting; Popular Culture; *Barco de Fogo*; Estância.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 7

2. CULTURA POPULAR E IDENTIDADE CULTURAL: A TRADIÇÃO DO BARCO DE FOGO EM ESTÂNCIA 12

3. TEATRO, DRAMATURGIA E CULTURA POPULAR 20

4. PROCESSO DE CRIAÇÃO DA DRAMATURGIA *BARQUINHO DO SONHO* 26

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS 31

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 34

APÊNDICES 36

APÊNDICE A: BARQUINHO DO SONHO ROTEIRO COMPLETO 36

APÊNDICE B: ENTREVISTA COM ADONNYS DINIZ 44

1. INTRODUÇÃO

Sou estanciana, nascida e criada no interior de Sergipe. A cidade de Estância está localizada a 69,3 km de Aracaju, capital do estado, e constitui parte fundamental da minha formação humana, artística e cultural. As memórias construídas entre músicas, festejos populares e tradições locais acompanham minhas vivências desde a infância, despertando meu interesse pelas artes e, posteriormente, pela pesquisa em Teatro. Esta pesquisa surge a partir dessa relação afetiva e cultural com minha cidade e tem como objeto de estudo a dramaturgia e a proposta de encenação da Dramaturgia infantil *Barquinho do Sonho* (2025), inspirada na tradição do Barco de Fogo, importante manifestação cultural estanciana.

Desde pequena, fui incentivada por meu pai, o senhor José Edson, a reconhecer e valorizar a riqueza cultural do lugar onde nasci. Entre os festejos populares que marcaram minha infância, destacam-se o Barco de Fogo, a Batucada e os Folguedos, manifestações tradicionais do município de Estância que sempre me encantaram por sua força simbólica, visualidade e dimensão festiva. Dessa aproximação entre memória pessoal, cultura popular e experiência artística nasce o interesse em investigar, por meio desta pesquisa, como o Teatro Infantil pode contribuir para a valorização e preservação das tradições culturais estancianas, junto às novas gerações.

O Barco de Fogo[1] é uma manifestação cultural e patrimonial[2] do município de Estância, reconhecida como símbolo identitário da cultura popular estanciana. Sua estrutura artesanal é composta por madeira, papel colorido, espadas[3] e fogos de artifício, movimentando-se por meio de um sistema de sustentação com arames e "tesouras", responsáveis por conduzir o barco ao longo do percurso enquanto produz efeitos luminosos e sonoros, característicos dos festejos juninos. Sua origem remonta ao século XX e está associada a Francisco Cardoso da Silva, conhecido popularmente como Chico Surdo, considerado o precursor dessa tradição. Atualmente, o Barco de Fogo consolidou-se como importante patrimônio cultural e imaterial, representando não apenas uma manifestação

[1] GOMES, Denise. Barco de Fogo - Estância. *É de Sergipe*. Sergipe: TV ALESE, 12 jun. 2021. Reportagem televisiva disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VZNln_NbH_c. Acesso em: 2 jun. 2026.

[2] ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SERGIPE. *Lei: Estância Capital Sergipana do Barco de Fogo*. Publicado em 16 jan. 2020. Disponível em: https://al.se.leg.br/lei-estancia-capital-sergipana-do-barco-de-fogo/. Acesso em: 4 jun. 2026.

[3] Em Estância (SE), denomina-se "espada" o artefato pirotécnico utilizado na tradição do Barco de Fogo. Produzida artesanalmente pelos fogueteiros, a espada é responsável por gerar o movimento e o efeito luminoso do barco durante sua passagem pelo arame, constituindo um dos principais elementos dessa manifestação cultural.

festiva, mas também, a memória coletiva, a criatividade popular e o sentimento de pertencimento do povo estanciano.

Figura 1: Barco de fogo durante as festividades juninas em Estância (SE)

Fonte: G1 Sergipe, 2019[4]

O Barco de Fogo é reconhecido como um dos maiores símbolos dos festejos juninos de Estância (SE), manifestação que possui uma data dedicada à sua celebração: o dia 11 de junho, instituído como o Dia do Barco de Fogo, reforçando sua importância para a identidade cultural do município, considerado a Capital Brasileira do Barco de Fogo. Entretanto, observa-se que a presença dessa manifestação cultural permanece fortemente associada ao período junino. Dessa forma, o Barco de Fogo acaba encontrando menor inserção em outros espaços de vivência e aprendizagem, especialmente no ambiente escolar, durante os demais períodos do ano.

Nesse sentido, torna-se importante promover aproximações entre a cultura popular e as instituições educativas, possibilitando que os saberes, as memórias e as práticas relacionadas ao Barco de Fogo sejam compartilhadas com as novas gerações. Essa aproximação não significa manter a tradição de forma fixa ou imutável, mas reconhecer que as manifestações culturais permanecem vivas justamente porque são continuamente ressignificadas e transformadas ao longo do tempo pelas comunidades que as produzem e vivenciam.

[4] G1 SERGIPE. *Estância faz apresentação de barco de fogo e batucada*. 26 jun. 2019. Disponível em: https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2019/06/26/estancia-faz-apresentacao-de-barco-de-fogo-e-batucada.ghtml. Acesso em: 4 jun. 2026.

Surge também a necessidade de novas mediações artísticas capazes de aproximar as tradições populares das gerações mais jovens. É a partir dessa perspectiva que nasce *Barquinho do Sonho* (2025), dramaturgia infantil desenvolvida nesta pesquisa como proposta artístico-pedagógica voltada à valorização da cultura popular estanciana. Pensada para o público infantil, a obra busca apresentar elementos culturais ligados ao Barco de Fogo por meio de uma linguagem lúdica, imaginativa e acessível, possibilitando que crianças tenham contato com saberes, memórias e tradições locais desde cedo.

A dramaturgia *Barquinho do Sonho* (2025), de minha autoria, é uma obra teatral infantojuvenil que entrelaça infância, cultura popular e memória afetiva, narrando uma história que se desenvolve a partir do olhar lúdico de Estrela, uma criança curiosa, inteligente e sensível que representa a potência criativa do sonho e a capacidade de transformar o cotidiano por meio da fantasia. Nessa viagem poética em que realidade e imaginação se encontram constantemente, a narrativa é composta por mais duas personagens centrais que materializam a identidade e as tradições estancianas: Dona Aurora, concebida a partir da cultura da Pisa Pólvora e da Batucada presentes no Porto da Areia[5], que carrega a musicalidade e a memória cultural como uma figura transmissora de saberes e afetos entre gerações; e o Senhor Foguinho, uma representação simbólica da chama das festividades juninas, do Barco de Fogo e dos fogueteiros, construído como aquele senhor popular que observa o cotidiano e guarda as experiências e memórias do lugar, resultando em um texto dramatúrgico que valoriza os elementos culturais locais, ao mesmo tempo em que cria um universo lúdico voltado para o público infantil

O Teatro Infantil, nesta pesquisa, é compreendido como uma linguagem artística voltada à experiência estética da criança e do adolescente, reconhecendo-os como sujeitos ativos, sensíveis e capazes de interpretar, imaginar e construir sentidos sobre o mundo que os cerca. Para além do entretenimento, o Teatro para crianças pode atuar como espaço de aprendizagem, expressão e aproximação cultural, especialmente quando dialoga com elementos presentes na realidade social e cultural do público infantil. Contudo, ao pensar no contexto e nas discussões acerca do Barco de Fogo para além dos festejos juninos, é preciso incluir nessa reflexão os adolescentes, reconhecendo que eles também participam da continuidade dessa tradição. Entretanto, essa participação nem sempre acontece da maneira

[5] Porto de Areia é um povoado pertencente ao município de Estância (SE), caracterizado como uma comunidade local que integra o território estanciano e preserva relações com os modos de vida, saberes e práticas culturais da região

como foi historicamente transmitida, pois as manifestações culturais são constantemente transformadas pelas novas gerações, assumindo novos sentidos e formas de vivência.

No livro *Léxico de Pedagogia do Teatro* (2015), no verbete "Teatro Infantil", Maria Lúcia Pupo destaca que foi nas primeiras décadas do século XX que se iniciou a criação de práticas cênicas realizadas por adultos, mas voltadas para o público infantil. Contudo, no mesmo verbete, no que tange à formação de espectadores, a pesquisadora indaga: “por que aspirar à constituição de plateias marcadas por uma pretensa homogeneidade na leitura da cena, supostamente suscitada pela faixa etária comum dos espectadores?” (2015, p. 182). Em resposta a esse questionamento, Pupo ressalta que a existência de diferentes “leituras em torno de um mesmo acontecimento cênico constitui um pressuposto intrínseco à recepção teatral” (2015, p. 182). Por isso, evidencia-se a importância de compreender que *Barquinho do Sonho* é uma dramaturgia criada, inicialmente, para o público infantil, mas passível de atravessar todos os espectadores.

Nesse sentido, a dramaturgia *Barquinho do Sonho* articula infância, cultura popular nordestina e memória coletiva, buscando apresentar o Barco de Fogo não apenas como elemento festivo dos festejos juninos, mas como símbolo de identidade cultural, pertencimento e preservação da memória estanciana. A encenação, nesse contexto, surge como possibilidade lúdica de mediação artística, ampliando as formas de aproximação entre as crianças e a cultura popular local.

A pesquisa dialoga com autoras e autores que discutem as relações entre arte, educação e processos pedagógicos. As reflexões de Paula Alice Baptista Borges[6] inspiram metodologicamente este trabalho ao compreender a arte como campo de produção de conhecimento, no qual o fazer artístico, a experiência estética e a reflexão crítica se entrelaçam. Essa contribuição auxilia na percepção do Teatro não apenas como produto final, mas também como processo formativo.

[6] Paula Alice Baptista Borges é atriz, diretora teatral, educadora, produtora cultural. Atualmente, é professora adjunta da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Graduada em Letras Vernáculas e Língua Estrangeira - Inglês, pela Universidade Federal da Bahia, onde completou sua especialização em Estudos Linguísticos e Literários e seu mestrado em Teorias e Crítica da Literatura e da Cultura, através do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística. Concluiu seu doutorado em Artes Cênicas, pelo Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da UFBA. Foi professora substituta na Escola de Dança e no IHAC/UFBA. Foi Coordenadora de Cultura e Universidade na Pró-reitoria da UFRB, coordenadora do Colegiado do curso TAE - Tecnológico em Artes do Espetáculo e, atualmente, coordena a Pós-Graduação em Educação, Cultura e Diversidade, na modalidade EaD. Lidera, desde 2017, o grupo CRICA - Criar para Crianças: núcleo de estudos das artes e culturas da e para a infância, promovendo eventos, ações e projetos de pesquisa e extensão na UFRB, com vistas à continuidade de suas investigações sobre arte e infância, como professora e artista. Atua nas áreas de teatro, literatura, dança e cinema, como atriz, performer, dramaturga, roteirista, diretora, produtora e professora.

Também fundamentam este estudo as pesquisas de Luan Lacerda Ramos[7] e José Marcelo Araújo Santos[8], que investigam práticas culturais, territórios e manifestações populares, especialmente no contexto nordestino e sergipano. Em especial, Santos (2025) contribui para a análise do Barco de Fogo como manifestação que ultrapassa o caráter festivo, constituindo-se como elemento de memória, pertencimento e identidade cultural, marcado por processos históricos de ressignificação. Esses referenciais sustentam teoricamente a análise crítica do Barco de Fogo enquanto eixo central do processo artístico-pedagógico desenvolvido nesta pesquisa.

Na dramaturgia *Barquinho do Sonho*, a narrativa se desenvolve a partir da personagem Estrela, uma criança de outra cidade que, ao conhecer o Barco de Fogo pela televisão, encanta-se pela cultura estanciana e passa a sonhar em vê-lo de perto. Movida por esse desejo, a personagem adormece e é transportada a um universo imaginário no qual realidade e fantasia se entrelaçam. Ao longo dessa jornada, as personagens Senhor Foguinho e Dona Aurora conduzem Estrela por uma experiência de descoberta, revelando a beleza, a magia e a riqueza cultural de Estância por meio do Barco de Fogo, da musicalidade e das manifestações populares que compõem a identidade local. Ao despertar, Estrela passa a reconhecer, agora no mundo real, a beleza de sua cidade e o valor de sua cultura, compreendendo-a como espaço de memória, pertencimento e encanto.

Desse modo, a pesquisa busca refletir sobre a dramaturgia infantil como espaço de mediação cultural, preservação da memória e fortalecimento identitário, reconhecendo o Teatro como linguagem capaz de aproximar infância, cultura popular e educação. Para o desenvolvimento dessas discussões, o trabalho está organizado em temas que abordam o Barco de Fogo enquanto patrimônio cultural estanciano, as relações entre Teatro Infantil e processos educativos, além da análise da dramaturgia *Barquinho do Sonho* como proposta artístico-pedagógica voltada à valorização da cultura popular junto ao público infantil.

[7] Luan Lacerda Ramos é um pesquisador na área de Geografia, com forte atuação na Universidade Federal de Sergipe (UFS). Ele possui mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO) da UFS, onde defendeu sua dissertação em outubro de 2018.

[8] José Marcelo Araujo Santos é Mestre em Ensino de História pela Universidade Federal de Sergipe(PROFHISTÓRIA/UFS-2025), possui Especialização em Ensino de História pela Faculdade São Luís de França(2015) e em Direito Civil e Processo Civil pela Faculdade Social da Bahia(2014), possui Graduação em Direito pela Universidade Tiradentes(2012) e em História pela Universidade Federal de Sergipe(2006). Atualmente é Professor de História na rede pública estadual de Sergipe- SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO(SEED). Tem experiência na área de História e possui conhecimentos básicos de informática.

2. CULTURA POPULAR E IDENTIDADE CULTURAL: A TRADIÇÃO DO BARCO DE FOGO EM ESTÂNCIA

A cultura popular está presente nas práticas, nos festejos, nos ritmos e nos saberes construídos coletivamente por um povo ao longo do tempo. Em Estância, essas manifestações podem ser observadas nos festejos juninos, especialmente através do Barco de Fogo, da Batucada e da Pisa Pólvora, tradições que carregam memórias, ancestralidades e identidades culturais transmitidas entre gerações.

A cultura popular também se relaciona com os costumes, as vivências e as formas de expressão construídas por determinado povo ao longo do tempo, estabelecendo conexões com sua história, seu território e sua identidade cultural. Além disso, essas práticas culturais ajudam a preservar memórias, saberes e tradições compartilhadas coletivamente por uma comunidade, fortalecendo os vínculos de pertencimento e identidade cultural. A pesquisadora Beti Rabetti, no texto *Memória e culturas do Popular no teatro: o típico e as técnicas* (2000), afirma que:

> A cultura popular hoje, poderia identificar-se também com aquele conjunto de produções ou manifestações que, inseridas nos atuais contextos de produção e comunicação de massa, mas que preservam ainda – ao menos no campo simbólico – consistentes dimensões ou aspectos de valores e características das "culturas tradicionais". A título de síntese, pode-se recuperar aqui os elementos fundamentais daquelas culturas, ligadas às correntes de longa duração (que envolvem persistências e variações), à transmissão oral, à hegemonia da festa, à mistura do sagrado e do profano, ao rústico, à eleição de praças e ruas como espaços de intenso convívio entre manifestações artísticas diversificadas, ao riso, à procura da manutenção de parâmetros coletivos de produção, ao anonimato prevalecendo sobre a autoria, ao profuso em detrimentos ao específico, à aparente espontaneidade. (Rabetti, 2000, p. 4)

Ao discutir as relações entre cultura popular e território, Luan Lacerda Ramos compreende o Barco de Fogo como uma manifestação cultural marcada por processos de construção simbólica e pertencimento social. Segundo o autor:

> Neste primeiro contato com a teoria a respeito do território, essa última passagem nos possibilita pensar a produção do Barco-de-fogo, objeto desse estudo, como uma relação social portadora e construtora de significados. É possível compreender que esta produção comporta um território, posto que sobre ela há agenciamento maquínico de corpos – pela relação entre os homens que fabricam o Barco-de-fogo e pela relação destes com os materiais, inclusive naturais, utilizados em sua fabricação – e agenciamento coletivo de enunciação – posto que o Barco-de-fogo possui um significado,

> socialmente construído, tanto para seus produtores como para os que apreciam suas performances nas ruas (Ramos, 2018, p. 5).

É preciso ressaltar que o Barco de Fogo destaca-se como uma das manifestações culturais mais importantes não apenas de Estância, mas também de Sergipe. Embora esteja fortemente ligado aos festejos juninos estancianos, sua presença tem ultrapassado os limites da cidade, passando a representar a cultura sergipana em diferentes eventos culturais realizados no estado, especialmente em Aracaju. Em Comemorações como o Dia da Sergipanidade[9] instituído pela Lei nº 8.601/2019,[10] que estabelece o dia 24 de outubro como data comemorativa, o Barco de Fogo aparece como símbolo das tradições populares sergipanas, reforçando sua importância histórica, cultural e identitária. Dessa forma, mais do que uma atração festiva, essa manifestação carrega memórias, saberes e sentidos de pertencimento que atravessam gerações e fortalecem a cultura popular sergipana.

O reconhecimento do Barco de Fogo como uma das sete maravilhas[11] de Estância eleita pela população em consulta pública municipal (ao lado da Catedral Diocesana de Nossa Senhora de Guadalupe, do Lira Carlos Gomes, do Complexo Turístico do Bairro Porto d'Areia, da Praia do Saco, da Lagoa dos Tambaquis e do Complexo da Santa Cruz), evidencia a força simbólica dessa manifestação dentro da cultura sergipana. Essa representatividade também pode ser observada em espaços culturais da capital sergipana, como o Largo da Gente Sergipana, onde o Barco de Fogo aparece como elemento de valorização da cultura popular, apresentando aos visitantes e turistas parte importante das tradições culturais de Sergipe.

---

[9] Para Luiz Antônio Barreto "SERGIPANIDADE é o conjunto de traços típicos, a manifestação que distingue a identidade dos sergipanos, tornando-o diferente dos demais brasileiros, embora preservando as raízes da história comum" (2011, p. 1).

[10] SERGIPE. Lei nº 8.601, de 8 de novembro de 2019. Aracaju: Assembleia Legislativa do Estado de Sergipe, 2019. Disponível em: https://aleselegis.al.se.leg.br/Arquivo/Documents/legislacao/html/L86012019.html. Acesso em: 4 jun. 2026

[11] CÂMARA MUNICIPAL DE ESTÂNCIA. *Via de autógrafo do projeto de Lei 53/2017, aprovado pela Câmara Municipal na Sessão Extraordinária no dia 30/08/2017*. Estância, SE, 2017. Disponível em: https://camaradeestancia.se.gov.br/paginas.html?urlp=https://www.acessounico.com.br//arquivos/35/2c271e37ee29dc9e87ae7fe08677c5db.pdf. Acesso em: 4 jun. 2026.

Figura 2: Largo da Gente Sergipana – Aracaju, SE

Fonte: G1 Sergipe, "Dia da Sergipanidade: programações gratuitas celebram a data em Aracaju" (2024) [12]

Paralelamente, outra manifestação de grande importância completa essa riqueza cultural: a Batucada. *A Batucada*[13] configura-se como uma das manifestações culturais mais fortes e significativas presentes nos festejos juninos de Estância, carregando não apenas elementos festivos, mas também marcas profundas da ancestralidade e da memória coletiva do povo negro. Sua origem está relacionada às práticas culturais desenvolvidas ainda no período da escravidão, especialmente dentro das senzalas, onde os batuques, os cantos, as rimas e a musicalidade funcionavam como formas de resistência, expressão cultural e fortalecimento coletivo.

Dessa maneira, a Batucada ultrapassa a ideia de simples entretenimento, tornando-se uma manifestação ancestral que atravessou e atravessa gerações até permanecer viva na cultura popular estanciana. Sua existência também está diretamente ligada ao universo dos fogueteiros, nome dado às pessoas responsáveis pela fabricação dos fogos de artifício utilizados nos festejos juninos, como espadas, busca-pés e os próprios foguetes que movimentam o Barco de Fogo. Assim, compreender a Batucada também é compreender a importância do fogo, da pólvora e do trabalho artesanal realizado pelos fogueteiros, já que sem eles não existiria o barco de fogo, principal símbolo cultural da cidade.

Entre seus principais grupos destaca-se a Batucada Buscapé, liderada por Dona Zefinha, reconhecida como uma importante guardiã dessa tradição. A manifestação reúne

[12] G1 SERGIPE. *Dia da Sergipanidade*: programações gratuitas celebram a data em Aracaju. 24 out. 2024. Disponível em: https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2024/10/24/dia-da-sergipanidade-programacoes-gratuitas-celebram-a-data-em-aracaju.ghtml. Acesso em: 10 maio 2026.

[13] TV SERGIPE. *Vivian Soraya visita Dona Zefinha, líder da tradicional Batucada Busca-Pé, de Estância*. Programa Combinado. Disponível em: https://globoplay.globo.com/v/12694754/ . Acesso em: 4 jun. 2026.

homens, mulheres e crianças em apresentações marcadas pela musicalidade, pela dança e pela participação comunitária. Além dos instrumentos de percussão e dos ritmos característicos, a Batucada incorpora elementos visuais como estandartes e cabeçorras, fortalecendo seu caráter festivo e popular.

Sua relevância ultrapassa os limites do município, sendo apresentada em diferentes eventos culturais dentro e fora de Sergipe. Dessa forma, a Batucada contribui para a preservação de saberes transmitidos entre gerações e para o fortalecimento da identidade cultural estanciana. Além disso, sua história dialoga com o universo dos fogueteiros e com a tradição do Barco de Fogo, compondo um conjunto de práticas culturais que ajudam a manter viva a memória e o patrimônio cultural de Estância.

Figura 3: Sapatos utilizado nas manifestações culturais ligadas à Batucada estanciana

Fonte: Acervo pessoal (2026)

Figura 4: Brincantes da Batucada Busca-Pé com os figurinos

Fonte**:** Prefeitura Municipal de Estância, 2019[14]

[14] ESTÂNCIA (SE). Prefeitura Municipal. *Prefeitura Municipal de Estância*. Estância, 2026. Disponível em: https://www.estancia.se.gov.br/site/Noticias/noticia-2020-03-17-11-14-07-2180-Trio-p%C3%A9-de-serra%2C-forr%C3%B3-e-apresenta%C3%A7%C3%A3o-de-batucada-em-29%C2%AA-noite-no-. Acesso em: 4 jun. 2026.

Ao discutir a preservação da cultura popular estanciana, o coordenador do Memorial da Cultura, Adonnys Diniz[15], em entrevista realizada para esta pesquisa[16], destaca que a cultura "não é apenas evento; cultura é fomento" (Apêndice B, p. 44). Segundo o entrevistado, a cultura precisa ser fortalecida continuamente na escola, no trabalho, no poder público, no poder estadual e na esfera federal (Apêndice B, p. 44), pois somente dessa forma é possível criar processos permanentes de valorização cultural. Nesse sentido, a valorização cultural não se limita à realização de eventos festivos, mas envolve ações contínuas de reconhecimento, preservação e transmissão dos saberes populares às novas gerações. Trata-se de um processo fundamental para fortalecer a identidade coletiva, promover o sentimento de pertencimento e garantir a continuidade das manifestações culturais que constituem a memória e a história de uma comunidade. O entrevistado também ressalta que toda cultura, como ela é feita do povo, para o povo e pelo povo, o primeiro responsável é o povo (Apêndice B, p. 44), evidenciando a importância da participação coletiva na preservação das tradições culturais locais.

As transformações ocorridas nos modos de produção do Barco de Fogo também revelam mudanças nas formas de convivência e participação coletiva associadas à cultura popular estanciana. Para Adonnys Diniz, a Pisa Pólvora, anteriormente realizada de forma manual pelos fogueteiros, reunia homens, mulheres e crianças em torno de um mesmo processo cultural. Enquanto os homens realizavam o trabalho pesado de apilar a pólvora no pilão, as mulheres participavam através das cantorias, da preparação dos alimentos e do acompanhamento familiar, transformando aquele momento em uma experiência coletiva marcada pela musicalidade, pela convivência e pelo fortalecimento dos vínculos culturais (Apêndice B).

Figura 5: Pilão utilizado tradicionalmente no processo artesanal da Pisa Pólvora em Estância

[15] Adonnys Diniz é agente cultural, diretor artístico da Sociedade dos Incautos, ex-coordenador do Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões do Estado de Sergipe (SATED-SE) e coordenador do Memorial da Cultura de Estância.

[16] Entrevista disponível na íntegra para consulta no APÊNDICE B (p.44) deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Fonte: Acervo pessoal (2026)

Segundo Adonnys Diniz, com o avanço da industrialização dos artefatos juninos, o pilão deixa de ser manual e passa a ser mecânico (Apêndice B), fazendo com que parte dessas práticas coletivas fosse gradualmente modificada. Dessa maneira, elementos como a Pisa Pólvora passaram a existir muito mais como representação cultural do que como prática cotidiana ligada diretamente à produção artesanal dos fogos. Ainda assim, essas manifestações permanecem vivas no imaginário cultural estanciano, sendo constantemente retomadas nos festejos juninos, nas apresentações culturais e nos processos de preservação da memória coletiva da cidade.

Diniz compreende que as práticas culturais estabelecem profundas relações entre cultura, educação e pertencimento cultural, afirmando que a criança na escola vai entender o que é isso e não vai ter vergonha (Apêndice B.). A importância do contato das crianças com as tradições culturais locais desde os primeiros anos da formação escolar faz total diferença para a sobrevivência dessas ações.

Nesse contexto, a dramaturgia *Barquinho do Sonho* surge como uma proposta de mediação entre escola, Teatro e cultura popular estanciana. A obra busca apresentar elementos como o Barco de Fogo, a Batucada e os festejos juninos por meio de uma linguagem lúdica e sensível, permitindo que as crianças compreendam essas tradições para além de datas comemorativas específicas. Mais do que transmitir informações sobre a cultura local, a proposta visa despertar sentimentos de pertencimento e reconhecimento das manifestações culturais sergipanas desde a infância.

Ao aproximar o Teatro Infantil das tradições populares de Estância, a dramaturgia também se constitui como abordagem pedagógica capaz de contribuir para a preservação da memória cultural e para o fortalecimento das identidades locais dentro do ambiente escolar.

Dessa forma, o Teatro deixa de ocupar apenas um espaço de entretenimento e passa a atuar como instrumento de aprendizagem, imaginação e construção cultural, possibilitando que as crianças reconheçam a cultura estanciana como parte viva de suas experiências e de sua formação social.

> Os trabalhos listados são férteis no que diz respeito às contribuições para a construção da pesquisa em ensino de História e Patrimônio Cultural, atestando o valor dos textos que podem auxiliar nessa pesquisa sobre o Barco de Fogo, a partir das sugestões da proposição, elaboração, aplicação e análise do material didático em diálogo com o currículo frente às mudanças propostas pela nova BNCC (Andrade, 2022; Silva, 2022). Ainda, é possível observar nestes a proposição de metodologias de ensino que promovam uma ampliação nas noções de aprendizagem didático-histórica, por meio de monumentos culturais urbanos, de patrimônio imaterial e do uso de elementos culturais (Oliveira, 2020 *apud* Santos, 2025, p. 32).

As reflexões propostas por José Marcelo Araújo Santos (2025) também contribuem para pensar as relações entre patrimônio cultural, educação e práticas pedagógicas dentro do ambiente escolar. Ao discutir metodologias voltadas para o ensino de História e Patrimônio Cultural, o autor destaca a importância do patrimônio imaterial e das manifestações culturais presentes no cotidiano social dos estudantes, em diálogo com as propostas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). No contexto escolar, especialmente na reformulação do Projeto Político-Pedagógico (PPP), é fundamental a inserção de propostas que fortaleçam a identidade local. Essa incorporação permite que a cultura esteja presente de forma contínua no cotidiano escolar, não apenas como conteúdo pontual, mas como eixo formativo que atravessa práticas pedagógicas e atividades.

Nesse sentido, o PPP pode se constituir como um documento vivo e contextualizado, que reconhece a escola como espaço de produção e ressignificação de saberes culturais. Ao integrar festividades locais, memórias coletivas, práticas artísticas e manifestações populares ao currículo, amplia-se a relação entre ensino e realidade social, promovendo aprendizagens mais significativas. Além disso, essa perspectiva contribui para uma educação mais crítica e sensível, na qual os estudantes passam a se reconhecer como sujeitos históricos inseridos em uma cultura dinâmica, valorizando tanto o patrimônio material quanto o imaterial de sua comunidade.

A aproximação contínua entre escola e cultura local possibilita que os estudantes desenvolvam maior compreensão sobre suas próprias referências culturais, fortalecendo sentimentos de pertencimento e reconhecimento identitário desde a infância. Dessa maneira, manifestações como o Barco de Fogo, a Batucada e a Pisa Pólvora podem ser trabalhadas não

apenas como conteúdos comemorativos, mas como elementos vivos da memória e da cultura estanciana.

Inserida no contexto escolar, a dramaturgia *Barquinho do Sonho* amplia as possibilidades de aprendizagem ao aproximar os estudantes de suas próprias referências culturais. Essa aproximação dialoga com as reflexões de Paula Alice Baptista Borges (2014), que compreende a arte como campo de produção de conhecimento, no qual o fazer artístico, a experiência estética e a reflexão crítica se entrelaçam. Assim, a dramaturgia adquire um papel formativo ao fortalecer vínculos entre escola, território e cultura, promovendo experiências de aprendizagem marcadas pelo reconhecimento e pela valorização das raízes culturais locais.

Em Estância, o Barco de Fogo não ocupa apenas o espaço dos festejos juninos. Ele atravessa ruas, memórias, famílias e modos de viver construídos coletivamente ao longo das gerações. O som da Batucada, o cheiro da pólvora, os cortejos e a movimentação dos fogueteiros fazem parte do imaginário cultural da cidade e constituem experiências que muitas crianças passam a conhecer desde cedo, seja nas ruas, nas praças ou nas histórias contadas pelos familiares. Entretanto, quando essas manifestações aparecem apenas em períodos comemorativos, parte importante dessa vivência cultural corre o risco de se tornar distante das novas gerações.

Portanto, aproximar o Barco de Fogo do ambiente escolar significa possibilitar que os saberes, as memórias e os elementos simbólicos dessa manifestação cultural estejam presentes nos processos de formação de crianças e jovens. Mais do que apresentar informações sobre os festejos juninos, trabalhar essas referências no espaço educativo permite construir experiências de pertencimento, reconhecimento e valorização da identidade cultural local. Nesse sentido, *Barquinho do Sonho* surge como uma criação teatral inspirada em elementos da cultura estanciana, especialmente no universo do Barco de Fogo, buscando transformar referências culturais locais em uma experiência cênica e pedagógica. A Dramaturgia não representa a manifestação em sua totalidade, mas estabelece um diálogo artístico com seus símbolos, memórias e saberes, possibilitando novas formas de aproximação e ressignificação dessas tradições pelas novas gerações.

3. TEATRO, DRAMATURGIA E CULTURA POPULAR

Para discutir sobre o Teatro Infantil adoto como referência as reflexões de Ingrid Dormien Koudela (2001, p. 93), em seu livro *Jogos Teatrais*, no capítulo "Teatro para Crianças". A autora compreende o Teatro voltado para a infância como uma prática artística que considera a criança em sua capacidade de criar, imaginar e participar ativamente da experiência teatral. Nessa perspectiva, o Teatro Infantil não se limita à transmissão de conteúdo, ou ao entretenimento, constituindo-se como um espaço de experimentação, descoberta e construção de sentidos.

> Do olhar artístico que assimila visões ordinárias, sejam elas movimentos, eventos ou acontecimentos cotidianos, a experiência estética confere expressividade e densidade emocional ao mundo. Sempre que a arte se apropria de um elemento da realidade como um ramo florido, uma paisagem, um acontecimento histórico ou uma lembrança pessoal ela o transforma em uma construção imaginativa impregnada de vitalidade artística. O resultado é a ressignificação da realidade comum por meio de formas expressivas criadas artisticamente. Trata-se, portanto, de uma objetivação da natureza que transforma a própria realidade em símbolo de vida e de sentimento. (Koudela, 2001, p. 94)

Nesse sentido, a reflexão de Ingrid Koudela acerca da relação entre Teatro e infância pode ser ampliada a partir da compreensão de que o olhar artístico não se limita à reprodução da realidade, mas a transforma em experiência estética carregada de expressividade e sentido. Assim como aponta a autora, a arte não apenas assimila elementos do cotidiano como acontecimentos, paisagens ou lembranças, mas os ressignifica por meio da imaginação, convertendo-os em construções simbólicas impregnadas de vitalidade artística. Esse processo se aproxima da concepção de Teatro Infantil como linguagem do jogo e da ludicidade, uma vez que tanto na experiência artística, quanto na experiência da criança, há um movimento constante de transformação do real em criação simbólica, no qual a realidade passa a ser vivida e compreendida como expressão de vida e de sentimento.

Assim, o Teatro Infantil possibilita que conteúdos culturais, sociais e educativos sejam vivenciados de maneira significativa, respeitando as especificidades da infância e valorizando a participação da criança na experiência artística. A ludicidade torna-se, portanto, um elemento central nesse processo, favorecendo experiências sensíveis, criativas e formativas.

Essa compreensão do Teatro Infantil dialoga com a pesquisa de Paula Alice Borges, que propõe um olhar ampliado sobre as produções destinadas à infância. Ao discutir as relações entre Teatro, Literatura, Cinema e Dança voltados para crianças, a autora argumenta

que o Teatro Infantil tem muito a aprender com essas linguagens artísticas, especialmente por suas diferentes formas de abordar a imaginação, a criação e a construção de sentidos.

Segundo Paula Alice Borges,

> O Teatro Infantil tem muito a aprender com a literatura infantil, em suas recentes tradições, assim como com o cinema, outra linguagem frequentemente associada à veiculação de enredos que, apesar de muito mais nova que a literatura e que o teatro, aponta para lugares-comuns e também lugares de diversidade que marcam diferenças interessantíssimas no trato com a infância e com os limites de compreensão adulta do que é permitido criar para ela. Pensar sobre a recente produção de dança para crianças, principalmente aquela despreocupada com a veiculação de enredos, também reposiciona o olhar para as demandas em jogo na produção de peças para os pequenos (Borges, 2014, p. 21).

A partir dessa reflexão, a autora questiona concepções adultocêntricas que frequentemente delimitam aquilo que as crianças seriam capazes de compreender e experienciar artisticamente. Essa visão reducionista tende a tratar o Teatro Infantil como uma espécie de "teatro menor", no qual os conteúdos são simplificados e a imaginação é restringida. No entanto, como destaca Borges, o Teatro Infantil não deve ser compreendido apenas como espaço de transmissão de conteúdos simplificados, mas como uma linguagem artística capaz de provocar imaginação, sensibilidade, reflexão e múltiplas interpretações, reconhecendo a criança como sujeito ativo na experiência estética e capaz de produzir seus próprios significados diante da obra teatral.

Dentro dessa proposta, esta pesquisa não possui como foco central apenas o Barco de Fogo, enquanto manifestação cultural isolada, mas busca investigar a construção de uma dramaturgia infantil inspirada na cultura popular estanciana. Dessa forma, a cultura local torna-se material de criação dramatúrgica, possibilitando que elementos simbólicos, memórias e tradições sejam ressignificados em uma linguagem voltada ao público infantojuvenil, criando um espaço no qual criança e cultura popular se encontram como sujeitos de criação, e não apenas de reprodução.

A criança é um ser que pensa simbolicamente, sente, interpreta o mundo, cria imaginários, questiona e produz sentidos a partir das experiências que vive. Quando se fala em Teatro Infantil, ainda existe uma visão limitada da infância, como se a criança precisasse apenas de histórias simplificadas, moralizantes ou totalmente explicativas. Porém, a infância é um território de imaginação, descoberta e invenção. A criança compreende o mundo através do brincar, da fantasia e das experiências simbólicas. É justamente nesse lugar de imaginação

que o Teatro Infantil encontra sua força: ao reconhecer a criança como sujeito ativo, capaz de construir sentidos.

Quando penso no *Barquinho do Sonho*, não penso apenas em uma dramaturgia que explique o Barco de Fogo ou apresente elementos da cultura popular de forma educativa. A dramaturgia acontece dentro de um espaço imaginário, quase como um sonho ou um subconsciente poético, onde Estrela encontra figuras simbólicas como Sr. Foguinho e Dona Aurora. Essas personagens não aparecem apenas para contar uma história, mas para construir uma travessia imaginária dentro da cultura estanciana.

Nesse sentido, o político dentro da dramaturgia aparece justamente na maneira como a infância é compreendida e representada. A criança não ocupa apenas o lugar de espectadora passiva, mas de alguém capaz de interpretar símbolos, criar sentidos e construir relações afetivas com aquilo que vê em cena. Ao valorizar a imaginação infantil e transformar a cultura popular em experiência viva, o Teatro também produz pertencimento cultural e memória afetiva. Assim, a criança não aprende somente por meio de uma explicação racional, mas sobretudo pela experiência sensível da imaginação.

Paula Alice Baptista Borges (2014) questiona a necessidade de adaptar uma obra para que ela se torne acessível às crianças. A autora relata que uma das primeiras questões que surgiram durante o desenvolvimento do projeto foi:

> Se eu não escrevi o conto originalmente como infantil, terei que adaptá-lo para as crianças? Sim e não. Era parte do projeto de construção da dramaturgia da peça a realização de uma oficina de práticas literárias com algumas crianças previamente selecionadas. (Borges, 2014, p. 37)

Essa perspectiva aproxima-se das reflexões presentes em *Miúda e o guarda-chuva*[17] (2009), quando a autora utiliza imagens fantásticas, como plantas carnívoras, formigas e outros elementos simbólicos, para representar os medos, as descobertas e as percepções subjetivas da infância. Ao construir esse universo simbólico, a obra evidencia que a criança estabelece relações com o mundo não apenas por meio de explicações racionais, mas também através de imagens, fantasias e processos imaginativos

[17] "Inspirado no conto homônimo de Paula Lice, o espetáculo teve direção e dramaturgia assinadas em parceria por Paula Lice e Victor Cayres. Miúda alimenta diariamente sua planta carnívora com formigas. Estas, cansadas de serem comidas, arquitetam planos extraordinários para evitarem seu triste fim e tentam de diversas maneiras se comunicar com Miúda através de mensagens enigmáticas. É na tensão entre estes personagens que Miúda e o guarda-chuva sustenta a sua dramaticidade e se apropria de forma leve de temas como o amor, a solidão e as transformações humanas". ALICE, Paula. **Miúda e o guarda-chuva** (Teatro/animação para crianças). [S. l.], 1 mar. 2024. Disponível em: https://paula-lice.com/2014/03/01/miuda-e-o-guarda-chuva/. Acesso em: 19 jun. 2026.

Não é apenas que *Miúda e o guarda-chuva* utiliza elementos fantásticos, mas que esses elementos foram atravessados pelo olhar das próprias crianças durante o processo criativo. As ilustrações da personagem Miúda, do guarda-chuva, das formigas, do carteiro e dos demais elementos revelam como as crianças interpretam e recriam aquele universo simbólico. Isso fortalece a ideia de que a infância não é apenas destinatária da obra, mas também produtora de sentidos.

Tal perspectiva pode ser observada na própria dramaturgia de *Barquinho do Sonho*, quando a personagem Estrela se depara com as manifestações culturais de Estância e as percebe por meio de um olhar encantado: “Uau... Olha isso! Um barco de fogo, parece que vai chegar no céu! Que lugar mágico é esse? E as pessoas dançando... batucando... sorrindo!”[18] (Apêndice A, p. 35).

Nesse fragmento, percebe-se que a cultura popular não é apresentada apenas como um conjunto de informações sobre tradições locais, mas como uma experiência sensível mediada pelo imaginário infantil. A exclamação de Estrela diante do Barco de Fogo e sua percepção do ambiente como um "lugar mágico" evidenciam um olhar que transforma a realidade em vivência poética. Dessa forma, a narrativa organiza-se por meio de imagens simbólicas e experiências estéticas, aproximando-se da compreensão de infância defendida por Borges (2014), na qual a criança interpreta e atribui sentidos ao mundo através da imaginação e da fantasia.

As reflexões de Alex Giostri em *Dramaturgia: Conceitos e Princípios* (2018) contribuem para compreender a dramaturgia para além da simples escrita de diálogos teatrais. Segundo o autor, a dramaturgia não se limita apenas ao drama, mas envolve tudo aquilo que é construído para a cena, abrangendo diferentes formas de organização narrativa, conflitos, personagens e estruturas dramáticas.

> Quem escreve para o teatro deve saber que no teatro é também a imaginação do público que preenche o espaço. Nesse sentido, o autor teatral deve ter a ciência de que a sua obra será submetida às fantasias alheias de quem vier vê-la para poder participar de um fenômeno único que nunca se repete. No teatro, no espaço teatral, o mesmo texto encenado cinquenta vezes terá cinquenta novas apresentações, mesmo sendo cinquenta apresentações compostas pelos mesmos atores, mesmo diretor e mesmo iluminador. (Giostri, 2018, p. 67).

As reflexões de Borges (2014) e Giostri (2018) aproximam-se ao compreenderem que a experiência teatral não se constrói apenas a partir da intenção do autor, mas também através

[18] O roteiro completo de *Barquinho do Sonho* encontra-se para consulta no Apêndice A deste trabalho (p.35).

da participação ativa do espectador. Ao questionar se seria necessário adaptar seu conto para as crianças, Borges responde "sim e não", evidenciando que a relação da infância com a obra artística não depende exclusivamente de simplificações ou adequações previamente estabelecidas, mas das múltiplas formas pelas quais cada criança interpreta, imagina e atribui sentidos ao que vê.

De modo semelhante, Giostri (2018) afirma que a imaginação do público é responsável por preencher os espaços da cena, tornando cada apresentação um acontecimento único. Mesmo quando um espetáculo é encenado diversas vezes pelos mesmos atores, sob a mesma direção e com os mesmos elementos cênicos, a experiência nunca se repete, pois cada espectador estabelece relações particulares com aquilo que presencia.

Nesse sentido, a dramaturgia pode ser compreendida como uma construção aberta, que se realiza plenamente apenas no momento da apresentação. O texto teatral não produz sentidos de forma isolada: ele depende do encontro entre cena e público. Essa perspectiva dialoga diretamente com a proposta de *Barquinho do Sonho*, uma vez que a obra se estrutura por meio de imagens poéticas, símbolos e elementos da cultura popular estanciana que convidam o espectador infantil a construir suas próprias interpretações.

Quando Estrela observa o Barco de Fogo e o descreve como algo que "parece que vai chegar no céu" (Apêndia A, p.35), a dramaturgia não oferece apenas uma representação objetiva da manifestação cultural. Ao contrário, abre espaço para que cada criança perceba aquele elemento a partir de suas próprias experiências, memórias e fantasias. Assim, a cultura popular é apresentada não apenas como patrimônio cultural, mas como matéria para a imaginação, permitindo que olhares distintos produzam significados diversos a cada apresentação.

Nesse sentido, a dramaturgia desenvolvida nesta pesquisa nasce das minhas vivências com a cultura estanciana e da tentativa de transformar essas referências culturais em experiência teatral para a infância. Elementos presentes no cotidiano de Estância, como o Barco de Fogo, a Batucada e os festejos juninos, passam a integrar a cena não apenas como representação cultural, mas como parte de uma construção imaginativa e simbólica voltada para a criança.

4. PROCESSO DE CRIAÇÃO DA DRAMATURGIA *BARQUINHO DO SONHO*

A ideia inicial do espetáculo *Barquinho do Sonho* surgiu na disciplina de Direção Teatral, ministrada pela educadora Maicyra Leão, em 2025. A proposta metodológica desenvolvida nessa disciplina possibilita que os estudantes assumam integralmente a construção da cena, experimentando a Direção Teatral de maneira prática e aprofundada. Ao longo do processo, optei por trabalhar com alunos do curso de Teatro que já possuíam experiência em atuação, sendo eles, Kayllanne Epaminondas, Kauã Silva e Nicoly Samantha. A participação deles foi fundamental para o desenvolvimento da encenação, contribuindo não apenas artisticamente, mas também fortalecendo o processo por meio da troca, do compromisso e da parceria estabelecida ao longo da criação.

O processo de criação já vinha sendo construído a partir das minhas experiências com o Teatro Infantil e de uma aproximação com o universo da infância. Durante minha trajetória acadêmica, realizei um Estágio não obrigatório ligado ao curso de Teatro, no qual trabalhava com crianças de maneira lúdica, utilizando o Teatro como espaço de imaginação, expressão e construção de afetos. Além disso, desenvolvia atividades voltadas para pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), buscando criar experiências artísticas sensíveis às diferentes formas de comunicação e interação. Essas vivências contribuíram diretamente para a formação do meu olhar artístico e pedagógico, fazendo com que desenvolvesse uma forte identificação com o Teatro voltado para crianças. O espetáculo nasce não apenas como uma proposta acadêmica, mas como continuidade de experiências que atravessam minha formação, minhas memórias e meu modo de compreender o fazer teatral.

Toda a construção do meu processo criativo surge desse desejo de dialogar com a infância por meio da arte, compreendendo o Teatro Infantil como um espaço que vai além do entretenimento. Para mim, fazer Teatro infantojuvenil não é ensinar ou moralizar, é criar um lugar onde a imaginação da criança vale tanto quanto a minha.

A primeira vez que a dramaturgia do *Barquinho do Sonho* foi apresentada aos espectadores ocorreu na disciplina de Direção Teatral, tratando-se de um importante momento da encenação, que me permitiu compreender como as personagens, signos, elementos, imagens e referências culturais poderiam ganhar vida na cena. Durante o processo criativo da obra, busquei referências na minha própria cultura popular: justamente, por ser estanciana, senti a necessidade de trazer para a cena elementos culturais presentes na cidade de Estância,

principalmente aqueles ligados às manifestações juninas e às tradições populares que fazem parte da identidade cultural da cidade.

Assim, o espetáculo foi sendo construído a partir de memórias, referências afetivas e elementos culturais que atravessam minha vivência enquanto artista e sujeito pertencente àquele território.

Figura 6: Primeira apresentação do espetáculo *Barquinho do Sonho* na disciplina de Direção Teatral

Fonte: Acervo pessoal (2025)

O processo de preparação dos atores de *Barquinho do Sonho* teve início com a apresentação de elementos da cultura popular estanciana que serviriam de base para a construção da encenação e das personagens. Nos primeiros encontros, foram compartilhados vídeos e registros audiovisuais de manifestações como a Batucada, o Barco de Fogo e a Guerra de Espadas. Esse momento teve como objetivo aproximar os atores do universo que seria representado em cena, possibilitando um primeiro contato com as sonoridades, os ritmos, as imagens e os modos de celebração característicos dessas práticas.

Além dos registros visuais, foram utilizadas músicas relacionadas à Batucada e a outras expressões locais. A escuta dessas sonoridades tornou-se uma ferramenta importante para o processo de criação, permitindo que os atores compreendessem aspectos da oralidade e das vivências presentes no contexto estanciano. Mais do que apresentar informações sobre a cidade, essa etapa buscou proporcionar uma aproximação sensível com a cultura local,

favorecendo a construção de referências que posteriormente seriam incorporadas ao trabalho corporal e à composição das personagens.

Dessa forma, a preparação do elenco não se limitou ao estudo do texto dramatúrgico, mas envolveu também a imersão em elementos que constituem a identidade de Estância. A música, as imagens e os relatos compartilhados durante os ensaios contribuíram para que os atores desenvolvessem uma compreensão mais ampla do universo retratado pelo espetáculo.

A construção de Estrela ocorreu por meio de conversas, leituras da dramaturgia e exercícios durante os ensaios. Por representar uma criança curiosa, sensível e imaginativa, o trabalho concentrou-se na busca por características corporais e vocais que evidenciam essas qualidades em cena. O processo foi colaborativo entre direção e atriz. A experiência prévia de Kayllanne com Teatro Infantil contribuiu significativamente para o desenvolvimento da personagem, permitindo que trouxesse referências de sua própria trajetória artística. A partir das discussões dramatúrgicas e dos exercícios, foram sendo construídos elementos relacionados à curiosidade, à descoberta e ao encantamento diante do mundo, aspectos centrais para Estrela na narrativa.

A construção de Dona Aurora foi desenvolvida a partir da música, da dança e das manifestações presentes na Batucada estanciana. Durante os ensaios, eu e a atriz Samantha buscamos compreender como esses elementos poderiam estar presentes no corpo e na voz da personagem, uma vez que Dona Aurora é responsável por apresentar ao público parte importante desse universo cultural.

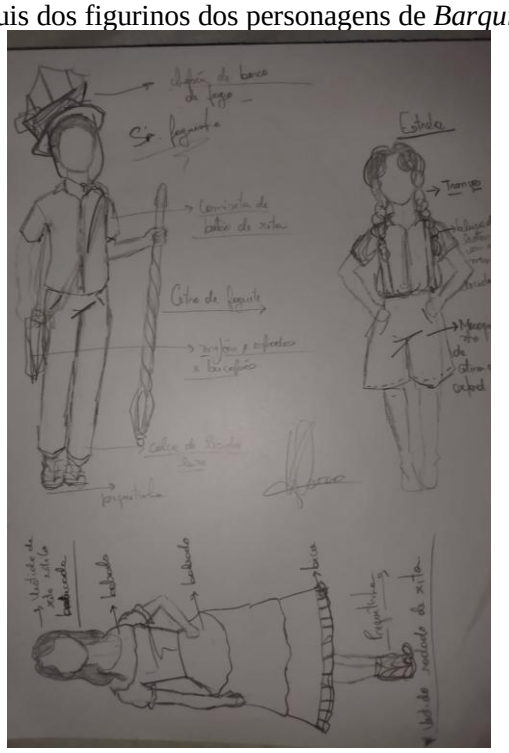
Para a preparação da atriz, foram utilizados vídeos, registros audiovisuais e músicas relacionadas à Batucada, possibilitando um contato mais próximo com essa manifestação. Como Samantha não possuía vivência direta com a tradição, o processo envolveu momentos de observação, escuta e experimentação corporal, buscando compreender seus ritmos, movimentos e formas de expressão.

A partir desse trabalho, foram construídas características corporais e vocais que evidenciam a musicalidade, a energia e a presença cênica da personagem. Dessa forma, Dona Aurora foi desenvolvida como uma figura fortemente ligada à cultura popular, carregando em cena elementos da dança, da música e da memória presente no Porto da Areia.

A construção de Senhor Foguinho teve origem em referências pessoais e afetivas presentes em minha própria vivência. Durante a escrita da dramaturgia, inspirei-me em um antigo vizinho conhecido como Seu João, a quem chamava de Seu Chico na infância. Uma de suas características mais marcantes era o hábito de contar histórias sobre o cotidiano, aspecto que influenciou diretamente a concepção da personagem.

No processo de preparação do ator kauã, buscamos desenvolver elementos que evidenciam essa característica de contador de histórias, ao mesmo tempo em que construímos a figura de um homem mais velho. Para isso, trabalhamos corporalidade, voz, postura e modo de caminhar, procurando criar uma presença cênica que transmitisse experiência, memória e sabedoria popular. Além dessa inspiração em uma figura real, Senhor Foguinho também foi concebido como uma representação simbólica do fogo presente nas tradições juninas estancianas. Dessa forma, a personagem ocupa um lugar de destaque na narrativa, funcionando como guardião das histórias, da memória e da cultura local. O resultado foi o encontro entre referências pessoais, elementos da cultura estanciana e o trabalho desenvolvido durante os ensaios.

Figura 7: Croquis dos figurinos dos personagens de *Barquinho do Sonho*



Fonte: Kauã Souza (2026)

A dramaturgia de *Barquinho do Sonho* surge atravessada por diferentes bagagens afetivas, culturais e artísticas que contribuíram diretamente para a construção do espetáculo. Todo o processo dramatúrgico carrega experiências, responsabilidades afetivas e reflexões que atravessam a direção, a escrita e a elaboração estética da obra, fazendo com que a narrativa seja construída a partir de múltiplas camadas simbólicas e sensíveis. Assim, o espetáculo vai sendo elaborado não apenas como uma narrativa teatral, mas como um

processo contínuo de investigação artística que amplia possibilidades de criação e fortalece a relação entre Teatro, cultura e infância.

É a partir dessa perspectiva que a construção da narrativa nasce da necessidade de transformar experiências culturais em linguagem cênica, trazendo para o palco referências relacionadas ao Barco de Fogo, à Pisa Pólvora, à Batucada e ao universo dos fogueteiros da cidade de Estância. Nesse sentido, a dramaturgia busca estabelecer um diálogo entre cultura popular e infância, reconhecendo a potência imaginativa da criança enquanto sujeito capaz de sentir, interpretar, imaginar e construir significados a partir da experiência teatral. Dessa maneira, o espetáculo procura criar uma relação entre memória cultural e imaginação infantil, utilizando elementos simbólicos da cultura estanciana como forma de aproximar o público da narrativa e das tradições populares presentes no contexto da obra.

Figura 8: Ensaio do espetáculo *Barquinho do Sonho* durante seu processo de criação e desenvolvimento

Fonte: Acervo pessoal (2025)

A segunda apresentação da peça *Barquinho do Sonho* ocorreu em 18 de junho de 2026, no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe (CODAP/UFS), sendo realizada em três sessões, às 10h, 10h30 e 11h. Diferentemente da primeira montagem, essa apresentação foi direcionada a estudantes do 7º, 8º e 9º anos do Ensino Fundamental.

A experiência permitiu observar que, embora a dramaturgia tenha sido concebida com foco no público infantil, ela também estabeleceu diálogo com estudantes de diferentes faixas etárias. Cada sessão apresentou características próprias, evidenciando que a relação entre espetáculo e público se transforma a cada apresentação. As reações, as formas de participação e as interações dos estudantes variaram conforme cada turma, revelando que o acontecimento teatral se constrói coletivamente entre atores e espectadores.

Essa vivência reforçou que o teatro infantil não se restringe exclusivamente às crianças pequenas. A recepção da peça pelos estudantes do Ensino Fundamental demonstrou que os

elementos lúdicos, imaginativos e culturais presentes na dramaturgia também despertaram interesse e envolvimento em públicos mais velhos. Desse modo, a experiência no CODAP ampliou minha compreensão acerca das possibilidades de circulação da obra, evidenciando que uma dramaturgia voltada à infância pode igualmente promover experiências estéticas, culturais e reflexivas para diferentes públicos.

A Figura 9 apresenta um registro de uma das sessões realizadas no CODAP/UFS, evidenciando o momento de interação entre elenco e público durante a apresentação.

A segunda apresentação da peça *Barquinho do Sonho* ocorreu em 18 de junho de 2026, no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe (CODAP/UFS), sendo realizada em três sessões, às 10h, 10h30 e 11h. Diferentemente da primeira montagem, essa apresentação foi direcionada a estudantes do 7º, 8º e 9º anos do Ensino Fundamental.

A experiência permitiu observar que, embora a dramaturgia tenha sido concebida com foco no público infantil, ela também estabeleceu diálogo com estudantes de diferentes faixas etárias. Cada sessão apresentou características próprias, evidenciando que a relação entre espetáculo e público se transforma a cada apresentação. As reações, as formas de participação e as interações dos estudantes variaram conforme cada turma, revelando que o acontecimento teatral se constrói coletivamente entre atores e espectadores.

Essa vivência reforçou que o teatro infantil não se restringe exclusivamente às crianças pequenas. A recepção da peça pelos estudantes do Ensino Fundamental demonstrou que os elementos lúdicos, imaginativos e culturais presentes na dramaturgia também despertaram interesse e envolvimento em públicos mais velhos. Desse modo, a experiência no CODAP ampliou minha compreensão acerca das possibilidades de circulação da obra, evidenciando que uma dramaturgia voltada à infância pode igualmente promover experiências estéticas, culturais e reflexivas para diferentes públicos.

]

Figura 09: Apresentação da peça teatral infantil “Barquinho do Sonho” no Colégio de Aplicação (CODAP/UFS), como parte do processo criativo da pesquisa.

Fonte: Acervo pessoal da autora (2026).

Assim, o processo de construção de *Barquinho do Sonho* não se encerra na escrita dramatúrgica ou na primeira experimentação cênica. A obra continua sendo desenvolvida por meio dos ensaios, das trocas coletivas e das experiências compartilhadas entre direção e elenco, consolidando-se como um processo artístico em constante transformação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Nenhum barco sobe vazio. Cada um carrega a história de quem o fez e de quem o espera no céu”. (Apêndice A, p. 40). Essa frase presente na dramaturgia *Barquinho do Sonho*, é anunciada pela personagem Dona Aurora e com um tom de firmeza, o que nos faz lembrar e compreender, que esta pesquisa abre a possibilidade de colocarmos no barco vários elementos que auxiliam a carregar e conceber a história de muitas pessoas que atuam, trabalham e fazem a cultura popular de Estância se manter viva.

Ao longo deste trabalho, foi possível compreender que a cultura popular estanciana é constituída por um conjunto de saberes, práticas e tradições que ultrapassam o caráter festivo frequentemente atribuído às manifestações culturais. Ao investigar elementos como o Barco de Fogo, a Batucada, os Fogueteiros e o Pisa Pólvora, tornou-se evidente que essas expressões carregam memórias, conhecimentos e formas de pertencimento que contribuem para a construção da identidade cultural do município. Nesse sentido, a pesquisa buscou não apenas apresentar essas manifestações ao leitor, mas também reconhecer sua importância como patrimônio cultural vivo, transmitido e preservado, sendo recriado por diferentes gerações.

As discussões desenvolvidas no segundo capítulo permitiram compreender que a dramaturgia, o Teatro Infantil e a cultura popular podem estabelecer relações potentes de criação e formação. A partir dos autores estudados, foi possível perceber que o teatro voltado para crianças não deve ser entendido como uma arte simplificada, mas como uma linguagem capaz de promover experiências estéticas, imaginativas e reflexivas. Dessa forma, a cultura popular revelou-se uma importante fonte de criação dramatúrgica, possibilitando a construção de narrativas que dialogam com a infância sem desconsiderar a complexidade dos saberes culturais presentes no território.

Já o processo de criação de *Barquinho do Sonho* evidenciou que a dramaturgia também pode constituir um espaço de pesquisa. Ao transformar elementos da cultura popular estanciana em linguagem teatral, a criação do espetáculo permitiu articular memória, imaginação e experiência artística. Além disso, o trabalho desenvolvido com atores e atrizes revelou a importância da troca de saberes, especialmente ao apresentar aspectos da cultura estanciana a pessoas que, muitas vezes, não possuíam contato direto com essas tradições.

Outro aspecto evidenciado durante a pesquisa foi a necessidade de ampliar a presença da cultura popular no contexto escolar. Embora as manifestações culturais de Estância sejam frequentemente reconhecidas como símbolos identitários do município, sua abordagem ainda ocorre de forma pontual em muitas escolas. Assim, compreende-se que a valorização da

cultura popular não deve restringir-se a datas comemorativas, mas constituir uma prática contínua de formação. Nesse contexto, a inserção dessas discussões nos Projetos Político Pedagógicos (PPP) pode contribuir para fortalecer o sentimento de pertencimento dos estudantes e promover uma maior aproximação com os saberes culturais de sua comunidade.

As reflexões de Paula Alice Borges (2014) foram fundamentais para a construção desta pesquisa, especialmente por compreenderem a infância como um espaço potente de criação, imaginação e transformação. Ao afirmar que:

> [...] trazer a complexidade das reflexões sobre o que nos engessa pela repetição para o mundo das crianças é das pequenas revoluções que podem, de fato, transformar pequenas perspectivas de futuro (Borges, 2014, p. 128)

A autora nos convida a pensar a infância como um espaço capaz de acolher experiências artísticas e reflexões complexas. Nesse sentido, compreende-se que as crianças não devem ser vistas como sujeitos que precisam receber conteúdos simplificados, mas como indivíduos capazes de imaginar, questionar e construir novos sentidos para aquilo que vivenciam. A partir dessa perspectiva, o contato com a arte e com a cultura popular torna-se uma possibilidade de ampliar olhares, despertar o sentimento de pertencimento e fortalecer vínculos com as histórias e tradições que constituem um território.

O encantamento pelo universo do Barco de Fogo, pelas tradições culturais de Estância e pelas possibilidades imaginativas presentes na infância foram elementos que impulsionaram toda a construção deste espetáculo. Mais do que representar manifestações culturais, o trabalho buscou criar uma experiência que aproximasse as crianças e adolescentes dessas narrativas, reconhecendo sua capacidade de imaginar, criar e atribuir sentidos ao mundo.

Dessa forma, compreende-se que esta pesquisa não se encerra com a realização deste trabalho, mas abre possibilidades para novos caminhos de investigação e criação. O percurso desenvolvido a partir de *Barquinho do Sonho* possibilita pensar em diferentes formas de continuidade, seja por meio da elaboração de materiais pedagógicos voltados para o contexto escolar, da criação de novas experiências teatrais, da circulação da obra em outros espaços de apresentação ou ainda de sua adaptação para diferentes linguagens artísticas, como o audiovisual.

Essas possibilidades reafirmam que a pesquisa permanece em movimento, permitindo que a narrativa criada dialogue com diferentes públicos e contextos. Assim, *Barquinho do Sonho* pode expandir-se para outros formatos, como livros infantis, propostas educativas,

experimentações com o teatro de mamulengo e novas produções artísticas, fortalecendo o diálogo entre cultura popular, infância, educação e Teatro.

REFERÊNCIAS

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SERGIPE. *Lei nº 8.601, de 8 de novembro de 2019*. Institui o dia 24 de outubro como "Dia da Sergipanidade". Aracaju: Governo do Estado de Sergipe, 2019. Disponível em: https://aleselegis.al.se.leg.br/Arquivo/Documents/legislacao/html/L86012019.html. Acesso em: 4 jun. 2026.

BARRETO, Luiz Antônio. *Sergipanidade:* um conceito em construção. Disponível em <https://infonet.com.br/blogs/sergipanidade-um-conceito-em-construcao/> Acesso em 10 de outubro de 2025

BORGES, Paula Alice Baptista. *Teatro infantil?* Perspectivas, expectativas e tabus transmidiáticos a partir de Miúda e o guarda-chuva. 2014. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

ESTÂNCIA (SE). Prefeitura Municipal. *Prefeitura Municipal de Estância*. Estância, 2026. Disponível em: https://www.estancia.se.gov.br/site/Noticias/noticia-2020-03-17-11-14-07-2180-Trio-p%C3%A9-de-serra%2C-forr%C3%B3-e-apresenta%C3%A7%C3%A3o-de-batucada-em-29%C2%AA-noite-no-. Acesso em: 4 jun. 2026.

G1 SERGIPE. *Dia da Sergipanidade*: programações gratuitas celebram a data em Aracaju. 24 out. 2024. Disponível em: https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2024/10/24/dia-da-sergipanidade-programacoes-gratuitas-celebram-a-data-em-aracaju.ghtml. Acesso em: 10 maio 2026.

G1 SERGIPE. *Estância faz apresentação de barco de fogo e batucada*. 26 jun. 2019. Disponível em: https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2019/06/26/estancia-faz-apresentacao-de-barco-de-fogo-e-batucada.ghtml. Acesso em: 4 jun. 2026.

GIOSTRI, Alex. *Dramaturgia*: conceitos e princípios. Curitiba: InVerso, 2018.

GOMES, Denise. Barco de Fogo - Estância. *É de Sergipe*. Sergipe: TV ALESE, 12 jun. 2021. Reportagem televisiva disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VZNln_NbH_c. Acesso em: 2 jun. 2026.

KOUDELA, Ingrid Dormien. *Jogos teatrais*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

RABETTI, Beti. *Memória e culturas do popular no teatro:* o típico e as técnicas. O Percevejo, Rio de Janeiro, ano, 2000.

RAMOS, Luan Lacerda. *Materialidades e simbolismos do Barco-de-Fogo em Estância/SE*. 2018. 107 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2018.

SANTOS, José Marcelo Araújo. *Acorda fogueteiro, Pisa Pólvora no ar, buscapé, barco de fogo, o forró vai começar:* o ensino de história à luz do barco de fogo e dos fogos de artifício

nos festejos juninos de Estância/SE. 2025. 150 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2025

TV SERGIPE. *Vivian Soraya visita Dona Zefinha, líder da tradicional Batucada Busca-Pé, de Estância*. Programa Combinado. Disponível em: https://globoplay.globo.com/v/12694754/. Acesso em: 4 jun. 2026.

ESTÂNCIA (SE). Prefeitura Municipal. *Prefeitura Municipal de Estância*. Estância, 2026. Disponível em: https://www.estancia.se.gov.br. Acesso em: 4 jun. 2026.

CÂMARA MUNICIPAL DE ESTÂNCIA. Via de autógrafo do projeto de Lei 53/2017, aprovado pela Câmara Municipal na Sessão Extraordinária no dia 30/08/2017. Estância, SE, 2017. Disponível em: https://camaradeestancia.se.gov.br/paginas.html?urlp=https://www.acessounico.com.br//arquivos/35/2c271e37ee29dc9e87ae7fe08677c5db.pdf. Acesso em: 4 jun. 2026.

APÊNDICES

APÊNDICE A: BARQUINHO DO SONHO ROTEIRO COMPLETO

BARQUINHO DO SONHO

CENA 1 – O SONHO DE ESTRELA

(ESTRELA entra na sala com uma boneca nas mãos. Ao fundo, trilha suave de forró instrumental.)

ESTRELA: (olhando para a TV)
Uau... Olha isso! Um barco de fogo, parece que vai chegar no céu! Que lugar mágico é esse?
E as pessoas dançando... batucando... sorrindo!
Chama... Estância! A capital do Barco de Fogo!
(deita no chão, sonhadora)
Ah, eu queria tanto conhecer esse lugar de verdade...
(Ela adormece. Trilha suave mágica.)

SR. FOGUINHO:

No alto do céu risca um risco vermelho,
é barco de fogo, promessa no espelho.
No chão, a batucada já pisa a memória,
é pólvora viva contada em história.

Na Cidade Nova o céu se abre em flor,
e o som que ecoa é tambor, é amor.
No Porto da Areia, mãos dançam no ar,
moldando com fé o que vai levantar.

Pisa, pisa, polvorinha, com cuidado e devoção,
que esse fogo tem raiz no fundo do coração.
No Bairro São Jorge, a esperança ensina,

e na Alegria, o riso se faz brincadeira menina.

Do Bomfim ao Alagoas, o vento já sabe,
Estância é canção que a saudade não cabe.
É dança que acorda no som da zabumba,
é alma que acende na pele que zumba.

Então fecha os olhos... deixa-se levar,
que hoje o sonho vai mesmo te buscar.
E quando o barco subir no céu com emoção,
saiba: é Estância que pulsa dentro do teu coração.

CENA 2 – SR. FOGUINHO APARECE

(Ouve-se um leve tilintar, como sinos distantes. Aos poucos, passos lentos e o som de um cajado tocando o chão. SR. FOGUINHO entra lentamente. Veste roupa com elementos juninos, chapéu de palha estilizado e bengala que parece um foguete prateado. A atmosfera é mágica e acolhedora.)

SR. FOGUINHO
Bom dia, sonhadora! O que foi que você andou desejando por aí?

ESTRELA *(ainda sonolenta, assustada)*
Ahn?! Quem é você?! Onde eu tô?

SR. FOGUINHO *(sorrindo com calma)*
Calma, pequena. Eu sou o Sr. Foguinho. Vim do alto do morro da Cidade Nova... onde o céu estoura de alegria no mês de junho!

(Aproxima-se devagar, com a bengala estalando como se soltasse pequenas faíscas imaginárias.)

ESTRELA *(deslumbrada)*
Você é de Estância? Da TV?! É tudo aquilo mesmo? É real?

SR. FOGUINHO

Estância não cabe numa tela, menina! O que você viu é só um fiapinho...

Estância é cheiro de milho assando na calçada, é sanfona que canta mesmo quando ninguém toca.

É quando o povo se junta pra fazer o impossível: subir um barco no céu!

ESTRELA *(encantada)*

Subir... um barco no céu?

SR. FOGUINHO *(com brilho no olhar)*

É. De verdade. Com pólvora, madeira, fé e suor.

Quem vê pensa que é mágica e é mesmo! Só que é mágica feita de tradição.

Gente que aprende com os avós, com os vizinhos, com o tempo.

(Pega um punhado simbólico de purpurina do bolso e sopra no ar, como se criasse um brilho imaginário.)

SR. FOGUINHO

Lá, a gente dança pra lembrar.

Canta pra não esquecer.

Acende foguete pra iluminar a memória!

ESTRELA *(senta, ouvindo tudo com atenção)*

Você fala como se tudo isso fosse... sagrado.

SR. FOGUINHO *(com reverência)*

E é. Cada festa é um altar. Cada batucada, uma reza.

Estância é tambor que carrega alma.

E hoje... você foi escolhida pra sentir com a gente.

ESTRELA

Mas... por que eu?

SR. FOGUINHO

A travessia entre o que se vê e o que se vive não se faz com os pés, mas com o desejo. Porque só quem sonha de verdade é capaz de atravessar essa ponte invisível construída de esperança,

memória e imaginação. Você viu o Barco de Fogo, deixou o coração arder com ele... e agora ele está aqui, diante de você. Presente. Vivo. Chegou a hora de dançar com a cidade, de deixar que ela te conte seus segredos em forma de luz, ritmo e festa

(Ele ergue a bengala como se fosse uma tocha. O som da batucada começa ao fundo, ainda leve.)

SR. FOGUINHO
Aurora! Acorda a batucada! A memória quer dançar!

(Foco de luz na lateral do palco. Começa a transição para a próxima cena.)

CENA 3 – A BATUCADA DE AURORA

(O som da batucada começa suave, como um coração despertando., evocando o entardecer. DONA AURORA surge girando com leveza, pandeiro em mãos, saia colorida. Seus passos carregam firmeza e alegria. Ela dança de forma circular ao redor de ESTRELA.)

DONA AURORA *(cantando com voz cheia de raiz)*
estancia ´´e´´ estancia ´´a´´
Quem nunca me viu de perto que venha me visitar
Pra conhecer nossa cultura popular
Estancia é o melhor são João pra visitar
(Ela para de dançar e encara Estrela com ternura.)

ESTRELA
Uaaau! Você é a moça da batucada?! Eu vi você na televisão!

DONA AURORA *(rindo)*
Na televisão é só um retratinho...
Aqui, você sente o chão tremer de verdade!

SR. FOGUINHO
Essa é Aurora do Porto da Areia!
Lá onde o rio cochicha com o povo e o tambor fala mais alto que notícia!

DONA AURORA

Porto da Areia... lugar de raiz forte, minha filha!

Lá, o Barco de Fogo nasce todo ano, com mãos calejadas e alma quente.

Tem mestre que começa a montar o barco meses antes, ouvindo as histórias dos mais velhos enquanto mede, prega, amarra...

(Ela simula o gesto de construir com as mãos. Olha para Estrela com firmeza.)

DONA AURORA

Ali, cada casa tem uma lembrança acesa.

Tem criança que aprende a batucar antes de falar.

E tem mulher que dança segurando o tempo pela cintura!

ESTRELA

E você aprendeu a dançar com quem?

DONA AURORA *(com orgulho e emoção)*

Com minha mãe... e ela com a dela.

Quando a zabumba toca, meu corpo não pede licença: ele responde.

Dançar, pra nós, é um jeito de continuar viva.

SR. FOGUINHO

E quando chega junho... o Porto da Areia vira palco, altar e poesia.

DONA AURORA

Lá, o povo se junta. É vizinho chamando vizinho, riso misturado com cheiro de canjica.

E o som da batucada sobe pelo vento, avisando:

"Hoje tem barco de fogo!"

(Ela bate o pandeiro com força. A batucada aumenta.)

ESTRELA *(encantada)*

É como se cada som contasse uma história…

DONA AURORA *(séria e doce)*

E conta mesmo. Tem história de luta, de saudade, de festa.

Cada batida é um passo dos que vieram antes da gente.
Você ouve... e sente o coração batucar junto.

SR. FOGUINHO *(com um gesto solene)*
Estrela... hoje, você dança não só com a gente,
mas com todas as memórias do Porto da Areia.

(Aurora estende as mãos para Estrela. Ela hesita, depois aceita. Começam a dançar juntas, em roda. O som cresce, alegre. Fim da cena com giro simbólico que projeta Estrela para a próxima experiência: o Barco de Fogo.)

CENA 4 – O BARCO DE FOGO

(O som da batucada diminui e dá lugar a uma trilha instrumental que mistura elementos de forró e música ritual. No centro do palco, AURORA pega o barco de fogo SR. FOGUINHO se posiciona ao fundo, segurando sua bengala-foguete como uma tocha cerimonial.)

DONA AURORA *(com reverência)*
Aqui, Estrela... esse é o coração do nosso barco..

(Ela entrega o barco com cuidado nas mãos de Estrela. A menina o segura como algo sagrado.)

SR. FOGUINHO
Todo ano, o povo do Porto da Areia se junta pra construir esse sonho.
Cortam madeira, enchem de pólvora os caminhos secretos do fogo...
Mas antes de tudo... sopram esperança dentro dele.

DONA AURORA *(com firmeza)*
Nenhum barco sobe vazio.
Cada um carrega a história de quem o fez e de quem o espera no céu.

(Ela se ajoelha e convida Estrela a fazer o mesmo. Ambas posicionam o barco no chão.)

DONA AURORA
Agora, Estrela... coloque aqui seu desejo mais verdadeiro.

ESTRELA *(de olhos fechados, com emoção)*
Eu quero que todo mundo conheça Estância...
E que nunca deixem de acender o céu, mesmo quando parecer difícil lembrar.

(. Ao fundo, ouve-se um som crescente de foguetes sendo preparados não explosivos, mas com um ritmo crescente e mágico.)

SR. FOGUINHO *(solene)*
Que esse desejo voe alto como o barco no São João.
Que ele arda, ilumine e renasça...
Porque aqui, o fogo é promessa viva.
Não queima pra destruir.
Queima pra lembrar quem somos.

(Aurora faz um gesto circular com as mãos, como se desenhasse o voo do barco no ar. Estrela repete. Um som de "acendimento" ecoa, seguido de sons de foguetes subindo ao céu. Palminhas espontâneas podem ser ouvidas ao fundo, como o eco da comunidade. As luzes brilham com intensidade e depois suavizam.)

ESTRELA *(com os olhos brilhando)*
É lindo... é como se o céu tivesse ouvido a gente.

DONA AURORA *(segurando sua mão)*
E ouviu mesmo. Cada foguete que sobe é uma voz nossa que acende lá em cima.

SR. FOGUINHO
Agora, Estrela... você também carrega essa chama.

(Eles fazem um gesto conjunto: as mãos sobre o peito, simbolizando o fogo interno. A luz começa a descer suavemente, preparando a transição para a despedida.)

CENA 5 – A DESPEDIDA
(começam a suavizar aos poucos, como uma fogueira se apagando lentamente. A trilha sonora é leve, uma mistura de sanfona e flauta, evocando saudade. Estrela observa o céu com brilho nos olhos. DONA AURORA e SR. FOGUINHO estão ao lado, serenos.)

ESTRELA

Eu não quero ir embora...

DONA AURORA *(com delicadeza)*

Toda chama precisa descansar pra acender de novo.

SR. FOGUINHO

E você... já não vai embora vazia.

Vai levar Estância acesa no peito.

ESTRELA *(segura o pano vermelho junto ao peito)*

Mas... e se um dia eu esquecer o som da batucada?

E se o brilho do barco sumir na minha memória?

DONA AURORA *(encarando-a com ternura)*

Fecha os olhos... ouve.

(Estrela fecha os olhos. Um leve som de batucada ecoa ao fundo, como se estivesse distante, mas ainda vivo.)

DONA AURORA

A cultura da gente nunca desaparece.

Ela se esconde em cheiros, músicas, toques...

E um dia, quando menos esperar, vai voltar a dançar dentro de você.

SR. FOGUINHO

A festa não acaba. Só muda de lugar.

DONA AURORA

Enquanto você contar pra alguém o que viveu aqui...

Enquanto lembrar do Porto da Areia, do som dos tambores, do barco cortando o céu...

Estância continua viva.

ESTRELA *(com sorriso emocionado)*

Eu vou contar. Juro que vou contar!

E um dia... eu volto.

E vou dançar com vocês de verdade, com os pés no chão e o coração no alto!

DONA AURORA *(abraçando-a)*
A gente vai estar te esperando. Toda vez que junho chegar, o céu vai te chamar.

(Os três se abraçam brevemente. Aos poucos, as luzes começam a escurecer, ficando apenas uma luz suave sobre Estrela. Aurora e Sr. Foguinho se afastam lentamente, como se sumissem no tempo, nas cores, no vento. A trilha volta a ser a mesma do início: suave forró instrumental.)

(Estrela desperta devagar. Está no mesmo lugar da cena 1. A luz é azulada como o início. A TV de papelão está ao seu lado. Ela olha em volta, toca no peito, como se ainda sentisse o calor do barco.)

ESTRELA
Foi sonho...?
Ou será que Estância entrou mesmo no meu coração?

(. Sorriso no rosto. Olha pra plateia.)

ESTRELA
Se um dia você ouvir uma batucada no ar...
Talvez não seja só música.
Talvez... seja meu sonho dançando.

(Ela sai de cena, como quem carrega um segredo precioso. A luz vai se apagando lentamente. Último som: uma explosão suave de foguete e o eco de palmas.)

FIM.

APÊNDICE B: ENTREVISTA COM ADONNYS DINIZ

Adonnys Diniz é agente cultural, ator, poeta, produtor de eventos, dramaturgo, figurinista, cenógrafo e artista plástico. Atuou como coordenador do Memorial da Cultura de Estância e desenvolve atividades voltadas à preservação, valorização e difusão da cultura popular estanciana.

A entrevista foi realizada por Larissa Farias, graduanda do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Sergipe (UFS), como parte da pesquisa desenvolvida no Trabalho de Conclusão de Curso. O objetivo da entrevista foi compreender aspectos relacionados à preservação da cultura popular estanciana, especialmente as manifestações culturais ligadas ao Barco de Fogo, à Batucada e às possibilidades de articulação entre cultura e educação.

Entrevistadora: Larissa Farias

Entrevistado: Adonnys Diniz

Função: Coordenador do Memorial da Cultura de Estância

Data: 18/05/2026

Local: Memorial da Cultura

PERGUNTA 1

Larissa Farias: Qual a importância da valorização e da preservação da cultura popular estanciana para as novas gerações?

Adonnys Diniz: Eu sou coordenador do Casarão da Memória. A partir dessa pedagogia, dessa construção de um processo puramente cultural, adquirimos a necessidade do pertencimento às nossas raízes. Estância é uma cidade plural em atividades culturais e possui a necessidade de se aproximar da educação para fortalecer a preservação dos seus bens materiais e imateriais e o sentimento de pertencimento cultural.

Somos cercados por essas necessidades. Estância é uma cidade historicamente reconhecida a partir da sua cultura. Todo o viés estanciano parte da cultura.

Temos uma deficiência muito grande quando falamos sobre cultura. Cultura não é apenas evento; cultura é fomento. Ela precisa ser fomentada continuamente na escola, no trabalho, no poder público municipal, estadual e federal. Somente assim conseguimos criar uma sistematização eficiente.

Atualmente existem planos de cultura em âmbito federal, estadual e municipal, organizados em metas de longo prazo. A partir dessa sistematização conseguimos alcançar aquilo que é necessário. Como a cultura é feita do povo, para o povo e pelo povo, o primeiro responsável por ela é o próprio povo.

Entretanto, muitas vezes atribuímos essa responsabilidade apenas ao poder público. Em cidades pequenas, isso se torna ainda mais evidente. Em grandes centros, como São Paulo e

Rio de Janeiro, os investimentos culturais chegam com mais rapidez porque existe uma demanda consolidada por cinema, teatro, música e dança.

Nas festas juninas, por exemplo, muitas pessoas utilizam vestimentas tradicionais ligadas à quadrilha. Em nossa realidade, observamos o enfraquecimento de elementos identitários locais. Ao mesmo tempo em que importamos referências externas, deixamos de valorizar manifestações culturais que nos pertencem.

Essa situação é complexa e exige o trabalho conjunto da educação, da cultura, da assistência social e da administração pública. Quando esse fomento acontece, a população compreende melhor seu pertencimento cultural.

No caso do Barco de Fogo, houve uma mudança significativa quando ele deixou de ser visto apenas como um folguedo popular e passou a ser reconhecido oficialmente como patrimônio cultural. Esse reconhecimento ampliou sua visibilidade e fortaleceu seu valor simbólico para Estância e para Sergipe.

Por isso, precisamos manter vivos nossos fogueteiros e nossas tradições. A criança que conhece sua cultura cresce sem vergonha de vestir uma roupa de quadrilha, participar da batucada ou cantar músicas ligadas à sua história. Ela passa a compreender que aquela cultura também lhe pertence.

PERGUNTA 2

Larissa Farias: Como surgiu a Batucada e qual a sua relação com a tradição do Barco de Fogo?

Adonnys Diniz: Quando surgiu o Pisa Pólvora, ele era realizado pelos fogueteiros e pelas mulheres dos fogueteiros. Como elas não possuíam uma função específica na produção dos artefatos, acompanhavam os trabalhos levando comida, bebida e cantando durante a confecção dos fogos.

A construção dos elementos utilizados no Barco de Fogo exigia muito esforço físico. As cantorias ajudavam a tornar aquele momento mais leve. Dessa prática surgiu a Batucada.

A família inteira participava do processo. O marido confeccionava os fogos, a mulher ajudava na ornamentação e as crianças carregavam os estandartes. Era uma manifestação profundamente familiar e comunitária.

Com o avanço da industrialização e da mecanização de algumas etapas da produção, muitas práticas tradicionais foram transformadas. Hoje vemos representações simbólicas desse trabalho, mas elas estão distantes da realidade vivida pelas gerações anteriores.

PERGUNTA 3

Larissa Farias: Qual a importância do teatro e das artes no processo educativo e na valorização da cultura local?

Adonnys Diniz: Eu mesmo sou fruto da imaginação despertada pelo teatro. Aos dez anos de idade comecei a escrever após assistir a um espetáculo infantil apresentado pelo Grupo Raízes e por Jorge Lins. Aquela experiência marcou minha trajetória.

Acredito que a cultura local deveria estar presente diariamente na escola. As crianças deveriam estudar sua cultura regional e estadual de maneira contínua. Em muitos casos, isso só acontece no período junino ou durante as comemorações do aniversário da cidade.

A questão do teatro nas escolas também depende da presença de profissionais qualificados. Atualmente, um único professor de Artes costuma ser responsável por várias linguagens artísticas. Eu penso que a escola deveria possuir espaços específicos para cada área, funcionando como verdadeiros laboratórios de arte.

As crianças poderiam experimentar diferentes linguagens teatro, dança, música e artes visuais e descobrir seus interesses de forma mais aprofundada.

Além disso, aquilo que não é visto não é aprendido. Precisamos de mais grupos de teatro atuando nas escolas e de mais experiências culturais acessíveis aos estudantes. O contato direto com a arte contribui significativamente para o processo educativo.

Estância necessita urgentemente de espaços culturais permanentes para que crianças e jovens possam vivenciar e preservar suas referências culturais.

PERGUNTA 4

Larissa Farias: De que maneira as transformações sociais têm impactado as manifestações culturais tradicionais de Estância?

Adonnys Diniz: Nossa cultura é marcada pelo fogo e, por isso, envolve questões de segurança que frequentemente são discutidas pelos órgãos públicos.

Ao longo do tempo, algumas tradições foram sendo modificadas. Antigamente, a abertura oficial do São João acontecia à meia-noite, acompanhada do hasteamento das bandeiras dos santos juninos e de uma grande celebração envolvendo o Barco de Fogo.

Com o surgimento do Forródromo e o crescimento da cidade, muitos costumes foram alterados. Atualmente, diversas atividades acontecem mais cedo e parte da população passa a priorizar os shows e eventos festivos.

Essas mudanças podem enfraquecer determinados símbolos culturais se não forem acompanhadas de ações de valorização. Defendo que algumas solenidades tradicionais sejam reintegradas aos espaços centrais da festa para fortalecer sua visibilidade e significado.

PERGUNTA 5

Larissa Farias: Como garantir a continuidade das manifestações culturais para as futuras gerações?

Adonnys Diniz: A cultura é viva e está em constante transformação. Entretanto, toda mudança precisa ser compreendida para que não provoque apagamentos culturais.

É necessário entender como uma manifestação surgiu, como se desenvolveu e quais significados carrega para a comunidade. Esse fortalecimento cultural é o que sustenta o sentimento de pertencimento.

Sem esse cuidado, cada geração pode perder parte dessa memória coletiva. Por isso, educação, cultura, assistência social, administração pública e comunicação precisam atuar de forma integrada.

A comunicação, inclusive, possui atualmente um papel fundamental nesse processo. Quando pensamos que a cultura está desaparecendo, muitas vezes ela está apenas se transformando. O desafio está em garantir que essas transformações ocorram sem que seus valores fundamentais sejam esquecidos.

A cultura luta pela própria sobrevivência porque é viva. Cabe à sociedade criar condições para que ela permaneça fortalecida e significativa para as próximas gerações.